



## Mundo do Terror

Ao iniciar-se o novo século, uma epidemia de terror espalhou pânico pelo planeta. Em muitas capitais do mundo, os líderes reforçaram sua segurança e reduziram suas aparições em público. Os cidadãos comuns se sentiam inseguros ao sair às ruas das grandes cidades, ao passo que os terroristas pareciam fantasmas - estavam em toda parte e, ao mesmo tempo, em parte



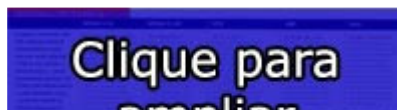
nenhuma, capazes de atacar quando bem quisessem. O terrorismo tornou-se a grande preocupação da polícia, dos políticos, banqueiros e grandes empresários. Manchetes noticiavam a mais recente barbaridade: "WASHINGTON ATÔNITA COM A TRAGÉDIA", dizia um jornal; "CAPITAL EM GRAVE PERIGO", alardeava outro. Em setembro, um terrível ataque terrorista aos Estados Unidos fez a bolsa de valores desabar e avivou sentimentos hostis

contra os imigrantes. Outro, em Madrid, mergulhou a política espanhola num conflito pelas questões de guerra e paz. Políticos americanos começaram a falar na guerra contra o terrorismo como uma luta "do bem contra o mal", enquanto alguns líderes religiosos, citando a Bíblia, proclamaram que o fim do mundo estava próximo.

### O ano era 1901.

Por mais assustador que seja o moderno terrorismo, o terrível medo que ele gera deveria ser bem conhecido no início do século 20. Poucas décadas antes, revolucionários russos tinham matado o czar Alexandre II com uma bomba. Em 1894, um anarquista italiano esfaqueou e matou o presidente francês. Em 1897, o primeiro-ministro espanhol foi assassinado, no auge da campanha de Cuba pela independência; dentro de um ano, a Espanha estava em guerra contra os EUA. Em 1901, o presidente americano foi assassinado por um anarquista de 28 anos. E, em 1914, um terrorista sérvio matou a tiros o arquiduque Ferdinando, herdeiro do trono da Áustria, atentado que deflagrou a Primeira Guerra Mundial.

É óbvio que o terrorismo - definido como o uso sistemático de assassinatos, danos e destruição, ou a ameaça de tais atos, para



fins políticos -tem o poder de mudar o curso da história, como hoje nos lembram os ataques de 11 de setembro de 2001 em Nova York e Washington, as bombas no trem em Madri em 11 de março de 2004 e as manchetes vindas de Israel e do Iraque. Agora, diante de outra ameaça — as armas de destruição em massa -, parece que a humanidade entrou numa era de perigos antes desconhecidos. Novos tipos de terroristas, contando com armas modernas e assustadoras, adquiriram meios para desafiar até os países mais poderosos da Terra.

### Como o mundo chegou a isso? O que mudou?

O terrorismo é tão velho quanto a história da humanidade. Ele já aparece na Grécia e em Roma da Antiguidade - o assassinato de Júlio César foi um ato terrorista. Volta a aparecer em quase todos os séculos desde então, em todas as partes do mundo. Mas muita coisa mudou no século 20, começando pela escolha dos alvos. No passado, a vítima preferida era um imperador ou um rei, um presidente, general ou, ao menos, uma autoridade do governo. Os terroristas chegavam a cancelar um ataque a fim de poupar vidas inocentes, pois a matança indiscriminada era considerada imoral e politicamente desaconselhável. Muitos terroristas de hoje não sentem essas inibições. Os motivos também mudaram. Um século atrás, o terrorismo era usado sobretudo por grupos ou indivíduos com objetivos revolucionários ou anarquistas - ou, no caso da Irlanda e dos Bálcãs, nacionalistas. A geografia do terror por volta de 1970 ainda mostra as mesmas tendências - terrorismo de esquerda na Europa e na América Latina; terrorismo nacionalista ou separatista na Irlanda do Norte, no País Basco (Espanha) e no Oriente Médio; alguns grupos terroristas de direita na Itália, Turquia e em outros países. Hoje, porém, grupos islâmicos extremistas, tais como a Al Qaeda, assumiram a vanguarda do terrorismo global. Segundo a CIA, ela, ou grupos filiados, opera



em 68 países. Embora os ataques de 2001 representem o sucesso mais espetacular da organização, outros já ocorreram em Marrocos, Tunísia, Espanha, Indonésia, Filipinas, Turquia, Arábia Saudita, Afeganistão, Chechênia, Iraque e Rússia - todos depois de 11 de setembro de 2001. Segundo Osama bin Laden e outros líderes, a Al Qaeda é motivada pela tradição islâmica do jihad, ou guerra santa - ou seja, defender a fé muçulmana contra os infiéis,

representados por um inimigo corrupto e opressor: o Ocidente.

Compare essa ideologia com os motivos dos anarquistas russos de 1881, ou com os que bombardearam um prédio em Oklahoma, ou o Sendero Luminoso no Peru, ou o Exército Republicano Irlandês (IRA) ou ainda o Unabomber. É óbvio que esses terroristas têm bem pouco em comum em termos de ideologia. A semelhança é a disposição de usar as mesmas táticas brutais para atingir seus resultados.

Apesar de um conceito popular equivocado, eles não são levados ao terrorismo pela pobreza pessoal. Os líderes, e também muitos recrutas dos movimentos islâmicos, provêm de famílias de sólida classe média; alguns, como Bin Laden, de famílias muito ricas. Com isso, não negamos a existência de fatores sociais, como a pobreza e o desespero, que contribuem para radicalizar as populações. Mas a fome, por si só, não leva necessariamente à violência política; muitos dos países mais pobres do mundo sofrem pouco ou nenhum terrorismo.

Também não é verdade que o terrorismo ocorra em regimes mais repressores. Houve pouco na Alemanha nazista, na Rússia estalinista ou no Iraque de Sadam Hussein. O terrorismo precisa de certo grau de liberdade para mobilizar seus simpatizantes e montar uma organização. Ele se sufoca numa ditadura - que não deixa de ser uma forma de terrorismo uniformizado. Centenas de minorias nacionais e religiosas são perseguidas. Na verdade, há poucos países em que as minorias não se sintam oprimidas. Mas apenas um punhado delas apela ao terrorismo, e aqui parece que as tradições culturais e sociais desempenham um papel. Certas sociedades toleram a violência mais do que outras. Por que os radicais bascos da Espanha escolheram o terrorismo, enquanto

Clique para

os catalães seguiram caminho mais pacífico? Por que os Tigres de Tamil, em Sri Lanka, se envolveram numa das campanhas terroristas mais longas e mais sangrentas da história, ao passo que os muçulmanos de Sri Lanka, também reprimidos, não fizeram o mesmo? Ao que parece, o terrorismo também exige líderes carismáticos, capazes de inspirar os recrutas a enfrentar o perigo, ou a morte, e a conquistar a simpatia da população. Logo após a Segunda Guerra Mundial, os grupos terroristas sionistas Irgun e Stern tinham o apoio de parte da comunidade judaica na Palestina e nos EUA, e ajudaram a expulsar os britânicos do país. Um comandante do Irgun, Menachem Begin, foi mais tarde eleito primeiro-ministro de Israel. Inversamente, líderes do grupo japonês Aum Shinrikyo, que atacou o metro de Tóquio com gás venenoso em 1995, contavam com pouco apoio popular – e hoje cumprem longas penas de prisão.

O que se pode fazer para combater ou pelo menos diminuir o perigo do terrorismo no futuro? Alguns movimentos estão abertos a soluções políticas - em especial os que pedem maior autonomia política, tais como os curdos na Turquia e os chechenos na Rússia. Mas há grupos radicais, como a Al Qaeda, que não estão interessados em acordos; eles exigem a vitória total.



A longo prazo, esse fanatismo extremo talvez venha a se consumir ou até desaparecer, abrindo espaço para novos tipos de dogmatismo. Mas, no momento, estamos diante de uma das passagens mais perigosas da história da humanidade. Pela primeira vez, os terroristas - pequenos e imprevisíveis grupos de pessoas, sem Estado, sem compromisso com nenhuma outra moralidade além de sua própria - têm potencial para

causar danos inimagináveis se armas de destruição em massa caírem em suas mãos. A civilização irá predominar, como sempre ocorreu. Mas não pode haver vitória final na "guerra contra o terrorismo" - uma luta que, de uma forma ou de outra, continuará enquanto houver conflitos na Terra.